



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2394 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 20 - Psicologia da Educação

## A VIVÊNCIA E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CARTOGRAFIA ESCOLAR

Daniel Luiz Poio Roberti - UFF - Universidade Federal Fluminense

### A VIVÊNCIA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DA CARTOGRAFIA ESCOLAR

O presente trabalho se propõe a discutir o conceito de “vivência” nas obras de Vigotski. A nosso ver, este conceito contribui para que os estudiosos da educação interpretem toda a ação humana como portadora de uma certa atividade criativa. Sendo assim, acreditamos que a Geografia pode se apropriar dessa discussão no desenvolvimento de uma metodologia para a cartografia escolar, uma vez que entendemos que o seu ensino não é só a aprendizagem do alfabeto que vai estar presente no mapa oficial; o mapa pode se transformar numa potente ferramenta cultural cujo princípio seria mediar a relação do homem com a natureza, compreendendo que esta relação é carregada de cultura e historicidade num cenário de permanente criação (VIGOTSKI, 2009). Trabalhamos com a metodologia dos mapas vivenciais cuja intenção é mapear a relação do sujeito com o meio em que vive, entendendo que esta relação forma uma unidade, já que todo aluno estuda numa determinada instituição e vive num lugar específico que o constitui enquanto cidadão.

### A VIVÊNCIA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DA CARTOGRAFIA ESCOLAR

#### Resumo:

O presente trabalho se propõe a discutir o conceito de “vivência” nas obras de Vigotski. A nosso ver, este conceito contribui para que os estudiosos da educação interpretem toda a ação humana como portadora de uma certa atividade criativa. Sendo assim, acreditamos que a Geografia pode se apropriar dessa discussão no desenvolvimento de uma metodologia para a cartografia escolar, uma vez que entendemos que o seu ensino não é só a aprendizagem do alfabeto que vai estar presente no mapa oficial; o mapa pode se transformar numa potente ferramenta cultural cujo princípio seria mediar a relação do homem com a natureza, compreendendo que esta relação é carregada de cultura e historicidade num cenário de permanente criação (VIGOTSKI, 2009). Trabalhamos com a metodologia dos mapas vivenciais cuja intenção é mapear a relação do sujeito com o meio em que vive, entendendo que esta relação forma uma unidade, já que todo aluno estuda numa determinada instituição e vive num lugar específico que o constitui enquanto cidadão.

Palavras-chaves: Teoria histórico-cultural, vivência e cartografia escolar.

#### Introdução

Lev Semionovich Vigotski foi um importante psicólogo bielorrusso que nasceu em 1896 e morreu em 1934. Juntamente com A. R. Luria e A. N. Leontiev, outros intelectuais soviéticos, ele fundou a teoria histórico-cultural. Estes pesquisadores buscaram unir a ontogênese e a filogênese numa mesma escala histórica: para eles, o desenvolvimento histórico humano não pode vir desassociado do seu respectivo devir biológico.

Quase 80 anos depois da morte de Vigotski, o grande público de intelectuais, seja do campo da psicologia ou mesmo da educação, fica com a sensação permanente de desconhecimento em relação ao pensamento do autor. Isso pode ser explicado pelos problemas de tradução dos textos dele para outras línguas, ainda mais se considerarmos que grande

parte das edições estrangeiras de tais obras se deu durante a disputa ideológica entre EUA e URSS. Mesmo em seu país de origem, a produção científica de Vigotski foi retaliada pelo governo de Joseph Stalin, de forma que ainda hoje há obras do psicólogo bielorrusso que não foram publicadas em russo.

Ao considerar as informações supracitadas, destacamos a relevância do nosso trabalho no que diz respeito à discussão das ideias vigotskianas e isso se torna ainda mais importante por trazermos estas questões para o campo da Geografia em que são pouquíssimas pesquisas desenvolvidas. Sendo assim, destacamos que este ensaio pode ser dividido em duas partes: a primeira delas pretende discutir os conceitos de *perejivanie* (“vivência” em russo) e *opit* (“experiência” em russo) e suas traduções para o português; enquanto a segunda é dedicada a apresentar uma metodologia de pesquisa no campo da cartografia escolar baseada no conceito de “vivência” e na teoria histórico-cultural.

#### As primeiras traduções de Vigotski no Brasil

A primeira edição brasileira de um livro de Vigotski aconteceu somente no ano de 1987, quando foi traduzido por Jefferson Luiz Camargo da versão inglesa de *Michlenie i retch* e recebeu o título de *Pensamento e Linguagem*. Tal edição de 1987, conforme a professora Zoia Prestes, cometeu uma “violência com a produção científica de um pensador” e talvez pode ser considerada uma das maiores “agressões” sofridas por uma obra de Vigotski. (2010, p. 67)

O problema apontado pela professora supracitada em relação à primeira tradução de *Pensamento e Linguagem* é referente, sobretudo, a uma série de modificações em seus capítulos, com supressão de citações, capítulos e páginas inteiras retiradas pelos editores. Prestes (2010) chega a denunciar uma certa censura num capítulo especial em que Vigotski tece críticas a Jean Piaget sobre os problemas do pensamento e da fala na infância. O capítulo original do russo tinha 54 páginas e a versão inglesa ficou com apenas 19 páginas. Os comentários de Piaget, que aparecem na obra em russo, desapareceram na tradução para o inglês. Lembramos aos leitores que o cenário político de produção desses dois autores era o de Guerra Fria em que havia intensa disputa ideológica entre as potências estadunidense e soviética pela hegemonia não só no campo econômico e militar, mas também na produção das ideias. Os estudos de Jean Piaget ficaram muito associados ao mundo capitalista e os de Lev Vigotski ao socialismo.

#### Experiência e/ou vivência em Vigotski<sup>1</sup>

A nossa pesquisa se preocupou em compreender os conceitos de “experiência” e “vivência” presentes nas obras de Vigotski; para isso, os textos e livros da bibliografia do autor mais consultados foram: *Vobrajenie e tvortchestvo v detskom vozraste* (Imaginação e criação na infância, 2009), *Etiudi po istorii povedenia. Obeziana, Primitiy. Rebionok* (Estudos sobre a história do comportamento. O macaco. O primitivo. A criança, 1996), *Krizis semi liet* (A crise dos sete anos, 2006a), *Psirrologia iskusstva* (Psicologia da arte, 1999) e *Problema sredi v pedologuii* (Quarta aula: a questão do meio na pedologia, 2010).

No livro *Psicologia da Arte* (1999), Vigotski discute a relação entre “material” e “forma” nos diversos gêneros textuais, dois elementos básicos que se encontram dentro da produção literária. Segundo o psicólogo bielorrusso, “material” é um conceito que serve como base, estrutura ou suporte para a atividade criativa. Através do material, o escritor de obras literárias usa as relações cotidianas, “experiências” e o ambiente social para confecção de suas histórias (VIGOTSKI, 1999). Já a ideia de “forma” tem a ver com o ato criativo do narrador de organizar esse “material” com a intenção de provocar uma reação estética no leitor.

*Perejivanie* (em português, vivência) é uma palavra relevante para a teoria histórico-cultural. Há relatos (PRESTES, 2010) que este conceito científico provocou um embate epistemológico entre Leontiev e Vigotski. A leitura que o primeiro (2007) fez do conceito de *perejivanie* leva a crer que o pensamento de Vigotski segue uma base epistêmica interacionista. Ele acredita que o ambiente social e as peculiaridades do indivíduo mantêm uma relação de independência um com outro. Acreditamos que Vigotski não entendia *perejivanie* dessa forma e o cerne da questão, para a compreensão desse conceito, passa por uma dependência entre ambiente social e particularidade do sujeito. “Unidade” é um dos conceitos-chave do pensamento de Vigotski. “Unidade” é um conceito que se relaciona diretamente com o de *perejivanie* e nos ajudou a compreender uma certa contradição na crítica de Leontiev à Vigotski.

[...] Pero precisamente a causa de que la personalidad representa una unidad y actúa como un todo único, destaca desigualmente en el desarrollo unas u otras funciones, diversas y relativamente independientes entre sí. Estas tesis – la diversidad de funciones relativamente independientes en el desarrollo y la unidad de todo el proceso de desarrollo de la personalidad – no solo no se contradicen, sino, como demostró Stern, se condicionan mutuamente. (VIGOTSKI, 1983, p. 23) [...] Lo mismo que la personalidad, el intelecto representa, sin duda alguna, un todo único, pero una unidad estructural homogénea y simples, sino diversa e compleja. (p. 24)

Neste trecho, Vigotski explica a relação simples e ao mesmo tempo diversa entre a construção da personalidade e o desenvolvimento das funções motoras do corpo. Assim como “unidade”, “vivência” é esse todo único, homogêneo; mas complexo e independente entre si. “Vivência” é essa relação de “unidade”, ao mesmo tempo independente e inseparável do sujeito e do meio social. Acreditamos que não seja uma relação de interação, como afirmava Leontiev; porque não existe meio em absoluto, sem a presença do indivíduo que o interprete (PRESTES, 2010).

Dentro dessas discussões, é imprescindível que nos aprofundemos no que diz Vigotski acerca da “experiência”: *Opit* (em português, experiência) é uma palavra completamente diferente de *pereživanie* em russo. O professor Holbrook Mahn (2007, citado por PRESTES, 2010) discute que não existe uma palavra em inglês que possa traduzir *pereživanie*, mas *opit* pode ser vertido do russo para o inglês com o uso da palavra *experience*.

*Opit* é um conceito do campo da psicologia que não foi criado por Vigotski. O professor soviético discute um pouco esse termo em sua obra *Pedagogičeskaia psirologiia* (Psicologia Pedagógica, 2004). Neste livro, ele propõe estudar a psicologia em meio às práticas educacionais que contribuiriam para o desenvolvimento de uma nova sociedade socialista soviética. Para tanto, discute o surgimento da psicologia positivista ou empírica, que se baseava na “experiência”, contrária às propostas teóricas da psicologia metafísica.

A professora Zoia Prestes (2010) aponta que no livro “Imaginação e Criação na infância”, Vigotski discute a importância da brincadeira para a criança, pois, segundo ele, é nesta situação que a criança aprende as regras sociais que estão presentes na vida real. Quando a criança brinca de imitar um adulto, ela não reproduz por completo cada ato, comportamento e atitude deste adulto. Em uma brincadeira de imitar, ela coloca a sua marca de criação, combinando situações da realidade e sua “experiência”. A palavra “experiência” aparece novamente na teoria de Vigotski. Mas que “experiência” é essa de que o autor fala?

Acreditamos que o conceito de “experiência”, dentro do pensamento de Vigotski, considera o processo de quantificação numa escala linear de amadurecimento do indivíduo ao longo do seu processo histórico. A “experiência” é uma atividade acumulativa em que o sujeito mais experiente é aquele que está mais avançado (mais velho) nas fases do desenvolvimento humano.

É possível estabelecer uma relação entre os conceitos de “experiência” e “material”. Para Vigotski, “material” é um dos suportes que constituem a atividade de criação humana e, assim como “experiência”, fornece subsídios sociais para que o ser humano produza. A partir desses elementos da história progressiva do homem, o indivíduo aumenta a sua gama de possibilidades de interpretar, combinar e criar algo novo no mundo.

#### Vivências e os mapas

A cartografia escolar é um campo do conhecimento que se encontra suscetível às influências epistemológicas da educação, geografia e da psicologia. Um dos eixos temáticos de estudo da cartografia escolar são as práticas de pesquisa e metodologias de ensino do mapa enquanto formas de representação espacial da sociedade.

Um dos métodos utilizados pela cartografia escolar para verificar o desenvolvimento espacial do sujeito é pedir para o mesmo que realize o desenho de um mapa. Alguns pesquisadores chamam essa metodologia de mapa mental (GOODNOW, 1979). A estratégia teórico-metodológica do mapa mental foi desenvolvida com o objetivo de cartografar o mundo humano, fugindo das relações racionalistas que marcavam os diversos campos do conhecimento científico no período entre o final do século XIX e início do século XX. Os principais conceitos dessa teoria são o de espaço vivido (FREMÓNT, 1976) e o de lugar (TUAN, 1980) que contribuíram para o entendimento do modo como os sujeitos interpretam e internalizam o mundo. Os mapas são analisados e categorizados a partir da intenção de pesquisa do investigador.

O grupo de pesquisa e estudos em Geografia da infância desenvolveu a metodologia dos mapas vivenciais no final dos anos 2000. A metodologia dos mapas vivenciais se baseou na teoria histórico-cultural, principalmente, nos conceitos de “vivência” (2006a, 2006b, 2009). Esta teoria surgiu nos anos 30 do século passado, a partir de um grupo de pesquisadores soviéticos, do qual Vigotski fazia parte, que buscaram “ (...) reunir num mesmo modelo explicativo, tanto os mecanismos subjacentes ao funcionamento psicológico como a constituição de sujeito e da espécie humana ao longo de um processo histórico-cultural.” (OLIVEIRA, 2005, p. 8)

Vigotski acreditava que toda a produção humana advém da relação de unidade entre o sujeito e o mundo, por isso, defendia que os movimentos epistemológicos de matrizes no racionalismo cartesiano, no interacionismo e na fenomenologia subjetiva não davam conta de discutir como o sujeito compreende o mundo, porque todos eles, de certa forma, separam a pessoa do próprio meio.

A metodologia dos mapas vivenciais leva em conta a produção das pessoas em meio aos espaços já existentes da história humana e o modo de interpretar os dados dos mapas busca uma dialogia entre pesquisador e pesquisados sobre a produção final, não categorizando os achados de campo em unidades de pesquisa cujo controle se concentra na mão do investigador, mas na tentativa de encontrar a singularidade da relação entre sujeitos e espaço, como condição irrepetível do conhecimento humano. (BAKHTIN, 1979)

#### Metodologia e discussão dos dados

Entendendo que toda metodologia é formada por um conjunto de técnicas e estratégias que dão conta de realizar uma pesquisa, elaboramos determinados procedimentos com vistas à articulação do que estudamos até o momento a

respeito da teoria da vivência e a prática de mapear.

A partir da coordenação de uma oficina num evento acadêmico no ano de 2016, desenvolvemos uma metodologia de trabalho, fazendo uso dos mapas vivenciais. A oficina oferecida tinha como objetivo introduzir um debate sobre a representação das imagens no ensino de Geografia. Uma das atividades propostas foi desenvolver a metodologia dos mapas vivenciais com alguns alunos do ensino médio da rede estadual de uma cidade da região da Costa Verde Fluminense e discentes dos cursos de licenciatura em Geografia e Pedagogia. Apresentamos o mapa de um dos distritos deste município para que os alunos, divididos em grupos, cartografassem as vivências naquele espaço.

A base deste mapa foi formada a partir de uma imagem retirada do programa *google maps* sobre a qual os alunos colocaram uma prancha de papel vegetal. Nessa atividade, cada grupo deveria desenhar suas vivências no referido espaço. Depois dos desenhos feitos, elaboramos um debate para que justificassem suas escolhas e preferências nos mapas.

O grupo que se tornou objeto da nossa pesquisa era formado por 5 alunos que moram, todos, na região metropolitana do Rio de Janeiro, principalmente, na própria capital, ou seja, há aproximadamente 170 km de distância de Angra dos Reis. São alunos que, por estudarem nesta cidade da Costa Verde fluminense, passam ali quase totalidade da semana, exceto os finais de semana, feriados e férias, em que retornam para as suas residências. Muitos deles moram em repúblicas, alugando quartos que são vizinhos ao local de estudo. Ou seja, não residem “oficialmente” na cidade.

O mapa vivencial deste grupo, representado na figura 4, foi o que mais chamou a nossa atenção. Isso por causa da menção à Rodovia Rio-Santos, importante meio de locomoção das pessoas da região. Pensávamos que a reposta do referido grupo, justificando a opção pela rodovia, se desse porque ela é uma via de ligação entre os municípios do Rio de Janeiro aos do Estado de São Paulo. Mas não foi bem isso que aconteceu.

O autor da pesquisa já tinha a resposta pronta para a referência da rodovia Rio-Santos no mapa vivencial desse grupo. O motivo da escolha parecia nítido: quem mora no Rio de Janeiro destaca a rodovia, porque ela interliga a cidade da região da Costa Verde Fluminense à região metropolitana do estado. Este trecho rodoviário faz parte da vivência do pesquisador, que se assemelha a vivência daquele determinado grupo de alunos. Qual foi o erro de interpretação cometido pelo autor do estudo? A vivência é uma relação singular do sujeito, em que ninguém pode vivê-la por ele. O dado que fugiu do controle do pesquisador remete ao fato de que todos os grupos, inclusive o representado pela figura 4, responderam que usam a rodovia para chegarem ao centro da cidade. Este bairro mais central apresenta comércio, bares e áreas de lazer mais pujante que o distrito da referida cidade pesquisada.

## Conclusão

Este ensaio apresenta avanços e limites na discussão da teoria de Vigotski. Os avanços ficaram em torno de desmistificar a visão interacionista da teoria deste psicólogo, invólucro que encapsulou o pensamento do autor, tanto no seu país de origem, como nas traduções de seus textos para o mundo ocidental. Apresentamos a história das traduções do conceito de *perejivanie* em português e propusemos um renovado debate à luz da “unidade” dos conceitos vigotskianos em prol do desenvolvimento de um novo conhecimento sobre a palavra *perejivanie*.

Os limites do texto apontam para a necessidade de sairmos da “zona de estabilidade” em que se encontra o significado da palavra “vivência” dentro do pensamento de Vigotski. Para o pensador bielorrusso, significado e sentido não querem dizer a mesma coisa. “O sentido da palavra é sempre complexo e possui várias zonas de estabilidade diferente. O significado é somente uma das zonas daquele sentido que a palavra adquire no contexto de alguma fala e, além do mais, uma zona mais estável, mais unificada e precisa.” (1999, p. 328, citado por PRESTES, 2010, p.81). Afinal, o que queremos com este estudo? Buscar um novo sentido para a palavra “vivência” em que possamos ao mesmo tempo criar e explicar a realidade a nossa volta.

O que ficou de experiência com a realização da oficina é que o tratamento de dados não pode levar em conta apenas a técnica do desenho. A narrativa dos sujeitos, nessa metodologia, se torna indispensável, porque preenche os espaços vazios com as legendas reificadas de suas vidas.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich et al. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

FRÉMONT, Armand. **La région, espace vécu**. Presses universitaires de France, 1976.

GOODNOW, Jacqueline. **Desenho de crianças**. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

LEONTIEV, Aleksei Alekseevitch (org). **Slovar L.S. Vigotskogo**. Moska: Smisl, 2007.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski**

**no Brasil – Repercussões no campo educacional**, 2010, 295f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Educação como Exercício de Diversidade**, p. 61, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** Difel, 1980.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Edições Antídoto, 1979. Tradução do inglês de M. Resende.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987, 194p.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Paulo Bezerra.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas. Tomo IV**. Madri: Machado Libros. 2006a.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas. Tomo V**. Madri: Machado Libros. 2006b.

\_\_\_\_\_. **Imaginação e Criação na infância**. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática. 2009.

\_\_\_\_\_. **Quarta aula: a questão do meio na pedologia** Psicologia USP, São Paulo, 2010.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

<sup>1</sup> O termo “vivência” (em russo *perejivanie*) foi traduzido no Brasil pelo professor Paulo Bezerra (2001) como emoção e sentimento e em inglês por *experience* (em português experiência) (PRESTES, 2010).